

# Inconsciente e ideologia: contribuições da Análise do Discurso e da Psicanálise para a noção de sujeito

## Unconscious and ideology: contributions of French Discourse Analysis and Psychoanalysis to the notion of subject

---

Gláucia da Silva Henge\*

**RESUMO:** O laço que aproxima a ideologia ao inconsciente diz respeito à linguagem, ou seja, à possibilidade humana de inscrição no simbólico, ou ainda, à formação do sujeito (que se dá pela linguagem). Para tanto, a convocação tanto da AD quanto da Psicanálise é fundamental para se compreender o percurso/processo de formação do sujeito. A própria noção de sujeito tem características específicas em cada uma dessas áreas, exigindo, assim, a sua territorialização adequada. Assim, noções importantes em cada área são retomadas neste texto e um exercício de análise acerca da subjetividade em discursos relativos à educação profissional é proposto como convergência da relação travada entre ideologia e inconsciente. Conclui-se que, sem sobrepôr as categorias de sujeito, tanto em AD quanto em Psicanálise, quando na primeira há o assujeitamento (ideologia) determinado pela luta de classes, na segunda há o desejo, a falta e o outro como determinantes (inconsciente) e isto pode contribuir como desafio teórico-metodológico em Análise do Discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do discurso. Inconsciente. Ideologia. Sujeito.

**ABSTRACT:** The point approaching the unconscious and ideology regards to language, it means, to the human possibility of inscription on the symbolic, or even to the formation of the subject (which is made by language). For this, the convening of Discourse Analysis as of Psychoanalysis is essential to understand the route / process of formation of subject (as a notion). The notion of subject has specific characteristics in each of these areas, thus it requires their right location. Thus, important issues in each area are included in this text, and an exercise on subjectivity in discourses concerning vocational education is proposed as convergence of this locked relationship between ideology and unconscious. We conclude that, without overlapping categories of subject, both in AD and in Psychoanalysis, when in the first there is the subjection (ideology) determined by the class struggle, in the second there is the desire, lack (manque) and the Other as determinants (unconscious) and this can contribute to a

---

\* Doutora em Letras, docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). E-mail: ghenge@gmail.com.

theoretical and methodological challenge in Discourse Analysis.

**KEY-WORDS:** French discourse analysis. Unconscious. Ideology. Subject.

### **Uma retomada fundamental**

A Análise do Discurso, desde sua irrupção no final dos anos 60, jamais teve a pretensão de oferecer um conjunto de definições teóricas e descrições metodológicas estanques e “disponíveis” para aplicação imediata. Entretanto, ainda hoje, inadvertidamente, muitos se deixam levar pelo primeiro termo, a “análise”, na ânsia de encontrar uma lista de procedimentos que, se seguidos cuidadosamente, lhe permitirão esmiuçar um texto por completo, compartimentá-lo, esgotá-lo... Ledo jogo de enganos pelas palavras, pois o cerne da Análise de Discurso está na compreensão do seu segundo termo, que a qualifica, define e ressignifica: o “discurso”. É a partir do discurso, noção basilar do entremeio língua, história e ideologia, que a análise se torna possível.

O termo discurso é um daqueles tantos que muitos acham que sabem o que significa, todos usam e poucos se demoram a territorializá-lo adequadamente. A AD encontra-se entre os últimos, e o faz apuradamente, mas não se detém a definir apenas o discurso, pelo contrário, faz também um apanhado minucioso e detalhado de outras noções e categorias, nunca usadas descompromissadamente. Eis a chave do dispositivo teórico-analítico da AD: sua *rigoridade*. Entretanto, longe de compor um mero elenco de noções e definições, em Análise do Discurso é preciso situar, significar, deslocar, tomar para si, sem silenciar nunca, acerca destes movimentos. Eis a característica intrínseca do dispositivo: sua *territorialização*.

Frente a este quadro determinante é que se pode olhar acuradamente para as relações entre noções e categorias que operam de forma significativa dentro da AD, observando o rigor e a referência dos termos utilizados e nas aproximações entre eles realizadas. Logo, as noções aqui abordadas clamam por este cuidado.

Em “A Análise de Discurso: três épocas (1983)” Pêcheux percorre os três grandes momentos da AD até então, revendo as posições teóricas e os procedimentos adotados em cada etapa da disciplina. Ao longo de seu percurso re-

flexivo, o autor chama a atenção para o papel da alteridade (o discurso-outro) enquanto: (1) discurso de um outro e (2) um "além" interdiscursivo (PÊCHEUX, 1997, p. 316) que estrutura, mas também desestabiliza, o dizer. Pêcheux se pergunta sobre como encarar o paradoxo do sujeito que é ao mesmo tempo "ego-eu" estrategista assujeitado e posição cujo discurso-outro irrompe – literalmente tentando localizar o sujeito da AD – e ainda se questiona "*o sujeito seria aquele que surge por instantes, lá onde o "ego-eu" vacila? Como inscrever as consequências de uma tal interrogação nos procedimentos concretos da análise?*" (PÊCHEUX, 1997, p. 317).

Como se pode perceber, a questão do sujeito sempre foi uma problemática fundamental para o estudo do discurso. Assim, ao longo de suas épocas, um percurso de negação de uma visão psicologizante do sujeito foi o grande investimento da AD que tomou de Althusser "os fundamentos reais", segundo Pêcheux, de uma teoria não-subjetivista do sujeito, "*como teoria das condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção: a relação entre **inconsciente** (no sentido freudiano) e **ideologia** (no sentido marxista) [...] esclarecida pela tese [...] a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos*" (PÊCHEUX, 2009, p. 123).

Nesta aproximação estão imbrincados dois conceitos muito caros à AD: inconsciente e ideologia, pois estes evocam, pela categoria "sujeito", duas áreas distintas do saber, dois territórios com termos e funcionamentos próprios, mas convergentes na/pela análise: a análise discursiva e a análise psicanalítica, ou seja, o materialismo histórico e a psicanálise. Esta relação entre inconsciente e ideologia proposta por Pêcheux é bastante complexa e exige esforços de análise e reflexão que vão muito além das simples paráfrases. Detenhamo-nos, portanto, neste texto, a compreender melhor tais conceitos e como percebê-los na prática da análise discursiva de um fragmento de corpus específico.

### **A proposta de Pêcheux**

Em seu "Semântica e Discurso", Pêcheux realiza uma aproximação que marcará profundamente o aparato teórico da AD, fazendo-a (re)pensar as

relações entre ideologia e inconsciente. Sigamos o autor, quando parte das seguintes assertivas: "(1) O indivíduo é interpelado como sujeito [livre] para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto, [livremente] sua submissão (ALTHUSSER)"; "(2) Sujeito de Althusser (sujeito absoluto e universal) é precisamente o que Lacan designa como o Outro (PÊCHEUX)" e "(3) O inconsciente é o discurso do Outro (LACAN)", para afirmar que:

[...] podemos discernir de que modo o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como processo do Significante na interpelação e na identificação, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção (PÊCHEUX, 2009, p. 123).

Isto é, para o autor, as condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção se realizam através do processo do Significante na interpelação e na identificação, processo este que abarca o modo em que recalque inconsciente se liga materialmente ao assujeitamento ideológico. Para adentrar mais profundamente essas relações, é preciso examinar detidamente onde e como ideologia e inconsciente se aproximam, em quais territórios se situam, como significam e quais as possibilidades de deslocamentos ou distanciamentos estabelecem entre si.

Entretanto, é preciso primeiramente atentar para o que o próprio Pêcheux apontou como "erro" em sua intervenção no Marxismo sobre a ideologia relacionando-a com a Psicanálise e a Linguística (a tríplice aliança). Ao retomar seu *Les Vérités de La Palice*, o autor afirma que "alguma coisa está falhando [...] do lado da Psicanálise, na referência feita a seus conceitos, e se concentra sobre a relação entre o ego e o sujeito" (PÊCHEUX, 2009, p. 276). A relação que havia sido traçada entre o ego e o sujeito levava, segundo o autor, a confundir de forma tendenciosa o sujeito e o ego como "forma-sujeito" da ideologia jurídica, levando então a uma ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha. Nesta autocrítica, percebe-se a preocupação de não mais estabelecer correspondências exatas entre os conceitos e, mais do que isto, de

mostrar que o non-sens do inconsciente e a evidência do sujeito-centro-sentido 'estão inscritos na simultaneidade de um batimento, de uma 'pulsção' pela qual o non-sens inconsciente não pára de voltar no sujeito e no sentido que nele pretende se instalar "(PÊCHEUX, 2009, p. 276).

Tomando a noção de sujeito dividido proposta por Paul Henry, Pêcheux chama a atenção para essa relação entre inconsciente e ideologia ao mostrar que o inconsciente é a "causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito da interpelação o captura" (PÊCHEUX, 2009, p. 277), ou seja, na pulsção sentido/non-sens do sujeito dividido, a todo o tempo, intervém de diferentes modos e formas os traços inconscientes do significante no sujeito, sem serem apagados ou totalmente esquecidos. Esses traços, inclusive, jamais desaparecem, eles permanecem na evidência do sentido fornecida pela forma-sujeito ideológica e se dão pelo *deslizamento sem origem do significante*, no que Pêcheux nomeou como *primado da metáfora sobre o sentido*.

Ao considerar a interpelação ideológica como um ritual com falhas, isto é, com pontos onde há enfraquecimento, brechas e desmantelamento que levam ao lapso, ao equívoco, Pêcheux explicita algo crucial para a compreensão da relação entre a Análise do Discurso e a Psicanálise:

[...] a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas **isso não significa que a ideologia não deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente** (PÊCHEUX, 2009, p. 278, grifo nosso).

Se a ideologia deve ser pensada com referência ao registro inconsciente, como fazê-lo? Pêcheux deixa pistas acerca desta proposta ao abordar a revolta no funcionamento da ideologia dominada, pois ela indica os espaços, as brechas possíveis da mudança, sem ser marcada por uma exterioridade que intervém como "tomada da consciência", tampouco como "etapa teórica" auxiliada pela rememoração do assujeitamento, mas sim como capacidade humana, uma vez que a luta de classes é motor da história e a linguagem sustenta a existência da divisão do sujeito, inscrita no simbólico (PÊCHEUX,

2009, p. 279). Na linguagem, mais especificamente no chiste, Pêcheux conseguiu, a seu ver, captar “a forma de negociação máxima com a ‘linha de maior inclinação’, o instante de uma vitória do pensamento no estado nascente, a figura mais apurada de seu surgimento” (PÊCHEUX, 2009, p. 280), ou seja, quando o inconsciente emerge na linguagem (deixando vestígios), aí se pode perceber o momento em que o deslizamento do significante ocorre, levando a outros pontos, os pontos de deriva do sentido, tornando-se outro significante (o primado da metáfora), e tocando “como pensamento nascente” a forma-sujeito dominante, mas trazendo a possibilidade de outras formas-sujeito, isto é, dando espaço para a mudança.

Partindo dessa emergência do inconsciente na linguagem, como pensar o que Pêcheux propõe quando afirma que a ideologia deve ser pensada com referência ao registro inconsciente?

### **Uma tentativa de investigação**

O laço que aproxima a ideologia ao inconsciente diz respeito à linguagem, ou seja, à possibilidade humana de inscrição no simbólico, ou ainda, à formação do sujeito (que se dá pela linguagem). Para tanto, a convocação tanto da AD quanto da Psicanálise é fundamental para se compreender o percurso/processo de formação do sujeito. A própria noção de sujeito tem características específicas em cada uma dessas áreas, exigindo, assim, a sua territorialização adequada, mas é, sem dúvida, o grande laço que as toca concomitantemente.

Em Psicanálise, o sujeito é visto como um produto de um longo processo de formação do Eu (*Je*, o sujeito por excelência, o sujeito do inconsciente) em relação ao eu (*Moi*, suas instâncias psíquicas que dizem respeito à segunda tópica freudiana). Para Lacan, o Eu (como letra maiúscula) é uma função que se forma a partir de uma etapa do desenvolvimento do filho do homem, entre os seis e os dezoito meses de idade, chamada *estádio do espelho*, que nada mais é do que uma analogia simbolizante de um estádio que distribui da arena para a muralha dois campos de luta opostos em que o sujeito se embarça na busca do altivo e distante castelo interior (LACAN, 1996, p. 101). O *estádio do*

*espelho*, momento em que a criança se identifica com sua projeção especular, é parte do tempo essencial de intelecção, segundo Lacan, e compõe a matriz simbólica do Eu numa forma primordial, situando a instância do eu numa linha de ficção irreduzível para o indivíduo isolado (LACAN, 1996, p. 98).

Em termos de relevância, é o estágio do espelho que fornece uma forma total do corpo (Gestalt) que simboliza a permanência do Eu e prefigura sua destinação alienante, ou seja, é neste momento de relação com a sua imagem, que o homem, ainda criança, inaugura uma relação entre o organismo com sua realidade, isto é, do mundo interior com o mundo circundante (do *Innenwelt* ao *Umwelt*) e essa identificação parcial gera uma quantidade inesgotável de enumerações do eu (LACAN, 1996, p. 100). A conclusão do estágio é, por sua vez, marcada pela identificação com a imago do semelhante, o que inaugura a dialética que liga, desde então, o Eu a situações socialmente elaboradas, quando a identificação da imago do semelhante junto ao ciúme primordial passa a constituí-lo (passagem do Eu especular ao Eu social) e a partir disto todo o saber humano passa a pender decisivamente para a mediatização pelo desejo do outro (LACAN, 1996, p. 101). No estágio do espelho há um investimento libidinal narcísico que se compõe como função alienante do Eu com a agressividade que dela se destaca como em qualquer relação com o outro, seja numa ação filantrópica ou criminosa, como pontua Lacan; o “*eu é a sede das resistências*” (JORGE; FERREIRA, 2005, p. 41).

Frente a isto, Lacan não concebe a prática psicanalítica fundamentada em um eu centrado num sistema de percepção-consciência organizado pelo “princípio de realidade”, mas sim, a partir da função do desconhecimento que leva o paciente até o limite de um “tu és isto” (LACAN, 1996, p. 103).

Há, em Lacan, portanto, a abordagem do homem (criança) quanto à sua formação psíquica (Eu, eu) através da imagem, primeiramente da criança em sua identificação parcial (o corpo despedaçado) até uma identidade alienante (a armadura totalizante). Safatle (2007, p. 18) pontua que a socialização, para Lacan, é alienação, através de uma internalização conflituosa do desejo do outro, ou melhor, “internalizar um tipo ideal encarnado na figura de um outro

significa (con)formar-se a partir de um outro que serve de referência para o desenvolvimento do Eu”. Esse percurso é o marco da movimentação interior/exterior do homem sendo muito cara à relação inconsciente/ideologia aqui investigada, uma vez que situa o marco fundante da relação indivíduo/sociedade pela identificação da imagem do semelhante que traz consigo, irremediavelmente, a mediatização do desejo do outro, num *nó de servidão imaginária* a ser sempre desfeito, refeito, cortado pelo amor, segundo Lacan (1996,p. 102).

Para Lacan, a o inconsciente emerge em dois momentos distintos, quando da clivagem da subjetividade. Um primeiro se dá quando o sujeito tem barrado o seu acesso ao Real<sup>1</sup> (real pulsional) numa primeira separação do imaginário do inconsciente. Já o segundo se dá pelo qual o sujeito, mediatizado pela linguagem destrói a relação de si para si e se aliena no significante; o que determina por daí em diante a sempre não coincidência do sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado (GARCÍA-ROZA, 2004, p. 195). Assim, ao nascer o bebê, há a morte do feto que implica na perda de sua “casca protetora”. Essa primeira perda leva à limitação do corpo, logo, à restrição da libido que nunca mais estará inteira, mas sim fragmentada em partes do corpo na subjetividade. Essa libido permanecerá ligada a um objeto imaginário, marcada pela perda e pela incompletude (o não todo, a falta da casca) que constitui a falta representada pela letra. É a partir dessa falta, da letra (significantes elementares) que ocorre “o recalque originário [...] quando a esses representantes da pulsão fosse negado o acesso ao consciente, estabelecendo-se a partir daí uma fixação do representante em questão à pulsão” (GARCÍA-ROZA, 2004, p. 195) e desta forma, se estabelece a distinção inconsciente/consciente. O sujeito então se estabelece pela falta, pela incompletude que antecede sua inscrição no simbólico.

O que Lacan denominou como *formações do inconsciente* (o sonho, o lapso, o ato falho, o chiste e o sintoma) estão diretamente relacionados à noção de sujeito que a AD procura investigar, pois quando ocorrem há uma

---

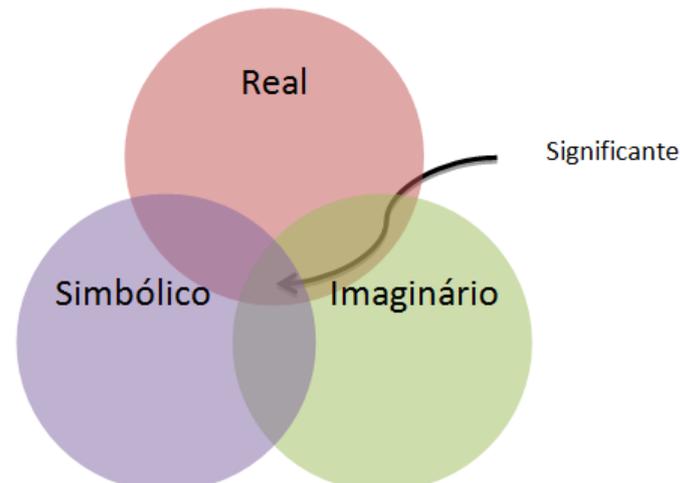
<sup>1</sup> O real, o impossível.

“perplexidade e um sentimento de ultrapassagem que funcionarão como indicadores para o sujeito (sujeito do enunciado ou sujeito do significado), de um outro sujeito oculto e em oposição a ele (sujeito da enunciação ou sujeito do significante)” (GARCÍA-ROZA, 2004, p. 171), isto é, o controle dos sentidos para a psicanálise também escapa ao falante, fazendo emergir a categoria sujeito do inconsciente, sujeito dividido na duplicidade do sujeito, sendo a “aquisição da linguagem que permite o acesso ao simbólico e a consequente clivagem da subjetividade”(GARCÍA-ROZA, 2004, p. 176).

Neste ponto é possível delinear duas grandes e significativas contribuições da Psicanálise para a AD: primeiramente, o papel constitutivo do outro na formação do indivíduo (Eu especular passando a Eu social) e a clivagem da subjetividade pela linguagem (a função simbólica e o sujeito do inconsciente). Logo, o desejo do outro e a linguagem são constitutivos do sujeito, não mais tomado como individualidade, mas como categoria teórica e que só é apreensível pela sua inscrição no simbólico, marcadamente determinada pelo outro.

A relação que Lacan estabelece entre os registros do real, simbólico e imaginário é constitutiva do aparelho psíquico e Coutinho Jorge e Ferreira (2005, p.36) simplificam essa trama definindo o real como da *ordem do não-sentido ou não-senso* radical; o simbólico como do *campo do duplo sentido* e o imaginário como *sendo o sentido* unívoco e afirmam que o significante enlaça borromeamente os três registros da estrutura psíquica.

Figura 1 - A posição do significante



Fonte: Do autor.

Do ponto de vista da linguagem, Lacan estabelece uma aproximação entre a metáfora e metonímia (fenômenos linguísticos) e a condensação e deslocamento (fenômenos inconscientes) através do papel do significante, pois através desses mecanismos “se produz a ruptura entre o significante e o significado, fazendo com que, pela interposição de um novo significante, o significante original caia na categoria de significado, permanecendo como significante latente” (GARCÍA-ROZA, 2004, p. 189). Ou seja, esse deslizamento do significante “materializando-se” em diferentes significados vai ao encontro do que Pêcheux fala sobre toda sequência de enunciados ser como “uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação” (PÊCHEUX, 2006, p. 53).

Pêcheux ao analisar o capitalismo de sua época, bem como as posições teórico-marxistas frente a ele, convoca a consideração da contradição, da heterogeneidade, da assimetria que marca os processos ideológicos em sua relação com transformações práticas da subjetividade em um dado momento histórico, discutindo a mudança a partir do fato de que “os processos de reprodução ideológicos também [devem ser] abordados como local de **resistência múltipla**” (PÊCHEUX, 2011, p. 115), além da relevância da língua e da política na língua, uma vez que “isto também pressupõe que se dialogue com a **Verdade**, que todo o mundo denomina “língua”, e com o que é descrito por alguns (principalmente a respeito da reconstrução lacaniana da psicanálise) com a Ordem

do Significante, o registro do simbólico, que aponta para perpetuação do inconsciente, no significado freudiano da palavra "(PÊCHEUX, 2011, p. 118).

Como visto, para o autor, deve-se considerar o processo ideológico em sua relação com a língua (e o simbólico), e mais do que isto, essa relação (em sua análise ele mostra que os campos discursivos do capitalismo desenvolvido deslocaram o discurso político), não possui fronteiras pré-estabelecidas, já que em AD se trabalha na fronteira da língua, do significado e da posição do sujeito, constituindo os "campos 'onde o mesmo está inscrito no outro' [que] removem ininterruptamente os pontos discursivos de submissão/assujeitamento ideológicos e os locais, a partir dos quais é possível enunciar posição "sem permitir que seja descrito um sistema para essa remoção (PÊCHEUX, 2011, p. 119). Ou seja, Pêcheux deixa uma pista acerca da relação entre inconsciente e ideologia quando propõe o espaço de não-fronteira entre língua, sentido e sujeito e na sua constante remoção/mudança de pontos discursivos, permitindo assim, a correspondência com a mesma incapacidade de se remover/mudar os pontos onde o inconsciente pode vir a emergir através de suas formações.

Após esta breve estada no campo da Psicanálise no que ela trata acerca do inconsciente, é preciso pensar também a ideologia a partir do "território de origem" do qual a aproximação inconsciente/ideologia a retoma. Neste sentido, Althusser e a sua teoria da ideologia *em geral* podem contribuir de forma significativa.

Ao pensar a reprodução das condições de produção numa formação social capitalista, primeiramente Althusser retoma a metáfora da estrutura da sociedade como um edifício no qual a base, a infraestrutura, é econômica, e os andares que o constituem, a superestrutura, são o jurídico-político e o ideológico. A partir dessa distinção, o essencial da existência e da natureza da superestrutura da sociedade está relacionado com o poder estatal, na figura do Estado e em seu aparelho repressor "por excelência" que funciona majoritariamente pela violência e personifica-se no governo, nos ministérios, no exército, na polícia, nos tribunais, etc. e nos vários Aparelhos Ideológicos de Estado que funcionam pela ideologia e personificam-se nos campos religioso, escolar, familiar,

sindical, cultural, midiático, etc. Esse funcionamento dos AIEs leva Althusser a percebê-los como o alvo e o lugar da luta de classes (ALTHUSSER, 1996, p. 117) e cuja "harmonia" entre AIEs e o Aparelho Repressor do Estado só são assegurados pela mediação da ideologia dominante. Dada a configuração de Althusser acerca da estrutura e funcionamento dos aparelhos ideológicos, o próprio autor sente-se convocado a tratar detidamente sobre a ideologia e é neste ponto que ele se propõe a pensar uma *teoria da ideologia em geral* (ALTHUSSER, 1996, p. 123) uma vez as ideologias particulares expressam sempre posições de classe (ALTHUSSER, 1996, p. 124).

Assim, para Althusser as ideologias particulares possuem cada uma sua história, entretanto, a ideologia em geral não, pois, tomando como referência teórica a proposição freudiana de que o inconsciente é eterno (isto é, não tem história) Althusser afirma que "a eternidade do inconsciente guarda alguma relação com a eternidade da ideologia em geral" (ALTHUSSER, 1996, p. 125), sendo exatamente essa "alguma relação" a imutabilidade de sua existência. E a ausência de história se dá porque a ideologia em geral possui uma estrutura e funcionamento que a tornam uma realidade oni-histórica, imutável, estando presente de uma mesma forma em tudo o que se chama história, como sociedade das classes (ALTHUSSER, 1996, p. 125).

A partir desta primeira caracterização da ideologia, Althusser explicita as teses de que "*a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência*", ou seja, a relação dos homens com suas condições reais de existência nunca é representada diretamente, mas sim, imaginariamente, eis a ideologia; e de que "*a ideologia tem uma existência material*", isto é, uma ideologia sempre existe num aparelho e em suas práticas. Assim, a ideologia é uma relação imaginária de existência material, uma representação determinada por práticas em condições reais de existência. Através destas considerações (de que não existe prática a não ser dentro e através de uma ideologia; e que não existe ideologia exceto pelo sujeito e para sujeitos), Althusser afirma que "a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos" (ALTHUSSER, 1996, p. 131) sendo *sujeito* uma categoria com funcionamen-

to; deste modo, toda ideologia funciona, segundo o autor, constituindo indivíduos concretos como sujeitos, ou seja, o sujeito "é a categoria constitutiva de qualquer ideologia, seja qual for sua determinação (regional ou de classe) e seja qual for sua datação histórica – já que a ideologia não tem história" (ALTHUSSER, 1996, p. 131). Cabe ainda ressaltar que a operação denominada *interpelação* pelo autor é da ordem do chamamento, do reconhecimento como função ideológica primordial que faz com que os *indivíduos sejam sempre já sujeitos*, donde os indivíduos sejam "abstratos" em relação aos sujeitos que eles sempre já são (ALTHUSSER, 1996, p. 134).

Ao tomar como exemplo a ideologia religiosa cristã, mas pontuando que a mesma demonstração é válida para outras ideologias, Althusser afirma que "a interpelação dos indivíduos como sujeitos pressupõe a 'existência' de um Outro Sujeito, Único e Central em cujo Nome a ideologia [...] interpela" (ALTHUSSER, 1996, p. 136). e essa interpelação em nome de um Sujeito Único e Absoluto é "especular, ou seja, é uma estrutura em espelho e duplamente especular: essa duplicação em espelho é constitutiva da ideologia e garante seu funcionamento" (ALTHUSSER, 1996, p.137). Logo, chega-se aqui a uma definição de ideologia como relação especular do Sujeito com os sujeitos e assim, sendo esta uma teoria da ideologia em geral, pode-se perceber o desdobramento desse funcionamento em todas as ideologias particulares.

Após esta breve visita aos AIEs de Althusser, podemos agora retomar alguns pontos que voltam, como uma onda cuja intermitência na praia permite tentar responder à questão proposta por Pêcheux sobre como pensar a ideologia em referência ao registro inconsciente. Estes pontos dizem respeito a *outro, sujeito, espelho e reconhecimento* não como processos ou operações, mas sim como categorias de funcionamento tanto da ideologia quanto do inconsciente (em suas especificidades). Logo, o traço de proximidade ou referência entre ideologia e inconsciente, se dá não pela plena correspondência entre os pontos, mas pela existência dos mesmos e das relações que estabelecem entre si em cada território a partir, podemos inferir, do *sujeito* como categoria de aproximação por excelência.

Ao situar cada ponto em seu campo, cabe observar as especificidades ou similitudes que emergem. O outro em psicanálise quando tomado com maiúscula “*é o lugar do significante, é o registro do simbólico*” sempre faltoso, incompleto, capaz de introduzir um novo significante (JORGE, 2011, p. 92) fazendo com que a linguagem manifeste a formação do inconsciente. Já para o materialismo histórico, a convocação do indivíduo em sujeito se dá em nome desse outro, um grande e único Outro que pode vir a configurar uma forma-sujeito de uma dada formação da ideologia.

O inconsciente por sua vez, “segundo Freud, tem a particularidade de ser ao mesmo tempo interno ao sujeito (e a sua consciência) e externo a qualquer forma de dominação pelo pensamento consciente” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 375), numa explícita condição de dentro/fora constitutivo do sujeito. Assim como a ideologia, também eterna, configura para o sujeito uma evidência de que há um dentro e há um fora, mas cuja negação (oposição) nada mais é do que um de seus efeitos.

No processo de identificação do sujeito, as etapas do estágio do espelho (quando a criança reage como se a imagem fosse do outro, depois a imagem como um objeto real a ser pego e por fim como sua própria imagem) explicitam a identificação imaginária e o acesso à ordem simbólica, logo, o espelho, a relação especular, tem papel fundamental na relação sujeito/outro que se dá imaginariamente. A imagem, o espelhamento também na ideologia funciona como sua condição de existência, pois a relação imaginária entre os indivíduos e a sua realidade é a própria ideologia. E também a duplicidade do espelho na interpelação estabelece o sujeito em relação ao Sujeito e este em relação aos sujeitos, numa trama estruturante de imagens e sobre-imagens.

O reconhecimento, o atendimento do indivíduo ao chamado a ser sempre já sujeito, é, junto com seu inverso (par reconhecimento/desconhecimento), uma das funções da ideologia que garante a evidência dos sujeitos. Para Althusser o sujeito constitui ao mesmo tempo “uma subjetividade livre, um centro de iniciativas, autor e responsável por seus atos” e “um ser sujeitado, que se submete a uma autoridade superior” (ALTHUSSER, 1996, p. 138), isto se dá

pela interpelação ideológica e também pela determinação consciente/inconsciente humana. Ou seja, o sujeito é livre para submeter-se às determinações ideológicas e inconscientes, pois a presença do Outro (seja ideológico, seja inconsciente) o constitui como sujeito. E a reprodução ou transformação de suas condições reais estão diretamente ligadas à ideologia e ao inconsciente, uma vez que “*inconsciente ordena o sujeito a desejar – e o desejo é deslizante, insatisfeito, sempre outro*” (LONGO, 2006, p. 53) e o desejo move as práticas, os atos materiais, jamais “plenamente conscientes”.

Tudo isto faz com que a linguagem seja um eterno ir e vir, um deslizar de significantes, sempre capazes de tornarem-se outros, marcando a eternidade do inconsciente como constitutivo do sujeito; e da ideologia como tecido que oferece a evidência do sujeito e do sentido no/pelo significante. Assim, não há fazer referência ao sujeito, sem tomá-lo como sujeito desejante, sujeito da alteridade e sujeito assujeitado, ou pensar juntamente com Barbai que sintetiza esta questão ao dizer que a relação entre ideologia e inconsciente aponta para o *desequilíbrio das certezas* já que ela “permite se olhar para a linguagem, para aquilo que se inscreve materialmente como falha, como equívoco, como lugar do evanescente do sujeito e do sentido no mundo” (BARBAI, 2011, p. 379).

### **No fio do discurso**

A fim de sistematizar essa aproximação, sem sobreposição, tampouco sem apagamento de especificidades, entre ideologia e inconsciente, nada mais adequado do que buscar perceber seus funcionamentos específicos em um fragmento de corpus, uma materialidade que, pela linguagem, permite a investigação do funcionamento do discurso pela análise. A posição de trabalho aqui adotada evoca a orientação de Pêcheux (2006, p. 57) de que “se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados”.

Como há falha no ritual da interpelação, o sujeito (sempre-já-sujeito) precisa ser tomado em sua forma histórica, neste caso, da formação social

capitalista, sendo a base econômica determinante nas superestruturas jurídico-política e ideológica. Isto é fundamental para perceber a subjetividade como posição materialista no discurso a partir de condições reais de existência.

Neste fragmento de análise, por conseguinte, partimos de um contexto contemporâneo de incentivo político-governamental ao investimento e desenvolvimento de escolas profissionalizantes em todo o território nacional brasileiro. Adota-se aqui um marco, tomado como acontecimento discursivo, que é a aprovação e entrada em vigor da Lei Federal nº 11. 892 de 29 de dezembro de 2008 que "Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências" (BRASIL 2008), ou seja, esta lei regulamenta uma nova configuração das escolas técnicas até então existentes no país, bem como as reagrupa, renomeia e passa a ampliá-las através da configuração em rede com novos campi que vão sendo criados. Toda essa movimentação no campo da Lei, logo, do entrelaço entre língua e política, por si só exige um estudo aprofundado do trabalho da memória, na discursivização dos aprendizes de ofícios, índice histórico do discurso de profissionalização, além de uma investigação séria das fortes implicações entre o mercado (base econômica) e a escola (enquanto Aparelho Ideológico de Estado). Entretanto, sem desconsiderá-los, serão deixados esses aspectos de lado no presente trabalho, para almejar responder à questão de Pêcheux quanto a pensar ideologia e inconsciente.

O fragmento aqui em análise é um trecho da transcrição de um vídeo institucional do Ministério da Educação e Cultura (MEC/Brasil) veiculado na grande mídia e disponível no Canal Portal Brasil (You Tube)<sup>2</sup>. O vídeo chama-se CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL.

Todo o vídeo se passa em dois cenários distintos: a escola e a empresa. Esses dois espaços distintos, imagetivamente construídos no fio do discurso, determinam os indivíduos que terão voz no vídeo: o estudante e o professor no caso da escola, o estagiário e o gerente no caso da empresa. Tem-se aqui,

---

<sup>2</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=L78\\_6m-4qxM](https://www.youtube.com/watch?v=L78_6m-4qxM)

então, as posições de classe definidas, claramente expostas como uma evidência, mesmo que o sujeito *estudante* correspondesse ao mesmo indivíduo, ele é outro sujeito, o *estagiário*, numa plena determinação das condições reais de existência na nomeação.

O tema do vídeo é o “ensino profissionalizante”, materializado historicamente como um discurso acerca de um processo educativo de formação básica aliada à formação técnica, a junção (em um curso com tempos e locais estabelecidos) entre um *saber sobre* (Ensino Médio) e um *saber fazer* (Ensino Técnico). Como se pode ver, nada mais do que repetição da divisão social do trabalho (braçal/intelectual) que se presentifica na linguagem e configura uma reprodução dessa divisão, emergindo na seguinte sequência discursiva:

*SD 1 "Não é por acaso que mais de um milhão de jovens estão matriculados no ensino profissional. Muitos terminam o curso com um emprego garantido."*

Eis aqui uma tomada de posição que leva à interpretação: **Muitos terminam o curso com um emprego garantido**, isto é, muitos, não todos, terminam o curso já ocupando um posto como força de trabalho na formação social capitalista. Entre um universo de possibilidades, emerge na materialidade linguística um traço explícito do jogo de forças da ideologia dominante, que convoca todo sujeito a ocupar o seu lugar na cadeia produtiva, a assujeitar-se como força de trabalho, mão-de-obra, profissional, entre tantas outras denominações, e este é o sentido que se cristaliza, sob a interpelação da ideologia (em geral) que convoca a todos como *sempre-já-sujeitos*. Tem-se aqui a presença do Outro como o Mercado, dada a formação social capitalista, além da relação especular do sujeito que atende ao chamado deste grande Outro e que é assujeitado a *empregar-se*, reconhecendo-se como o profissional, o sujeito capaz de ocupar o espaço que já lhe está destinado. Entretanto, não há ritual sem falhas, o ensino profissional emprega *muitos*, não *todos* e contra isto não há o que dizer, restando apenas o silêncio, a mudança de rumo das palavras que insistem no dizer mudo de que *não todos*, apenas muitos...

quantos são “muitos”?

Outro silêncio que existe na ordem deste dizer, e que é anterior a esse reconhecimento/desconhecimento da empregabilidade dos estudantes, é a não verbalização do também papel do ensino profissionalizante (o *saber sobre*) e isto se manifesta ao longo de todo o vídeo, quando não se faz nenhuma menção a quaisquer conhecimentos, saberes com os quais os sujeitos poderiam ter tido contato com e transformado a si mesmos, ampliando sua vivência, suas reflexões, etc. Basta sair empregado, basta saber fazer, tal o efeito discursivo instaurado.

Outra sequência discursiva extraída do vídeo configura um depoimento fornecido no cenário da escola por um ex-aluno que se tornou professor da mesma instituição.

*SD 2 "Eu posso falar por mim porque eu fiz o técnico. Eu nem me formei aqui e já estava trabalhando na LIGHT antigamente e depois EletroPaulo. E a gente foi graduando, graduando e toda a base que eu tive e o que eu tive na minha vida na parte técnica, todo o meu início foi aqui"*

Nesta SD o trabalho da referência no fio do discurso gera um contraste sutil, mas que abre uma brecha, uma lacuna a ser investigada. Há dois movimentos de referência: de pessoa e de espaço (eu, aqui) em relação ao tempo (passado). O espaço para este indivíduo é o cenário da escola, sendo “aqui” a relação imaginária estabelecida entre os prédios físicos de uma instituição de ensino e o percurso de vida do indivíduo. Tem-se, portanto, a ideologia como relação imaginária entre os indivíduos e sua condição real de existência (posto de trabalho). Mas é na linguagem empregada para a referência à pessoa que ocorre a falha, o deslizamento de algo que volta, tentando uma estabilização do sentido: *eu posso, eu fiz, eu nem me formei, eu já estava trabalhando, a gente foi graduando, eu tive*. Por que há essa mudança entre um “eu que me formei” e um “a gente foi graduando”, que deslize de um singular para plural marca também a possibilidade de um *agente* (aquele que age) pelo ato falho?

Esse atravessamento de um plural (eu mais outros, nós) ocorre junto ao

verbo no gerúndio “graduar” que pode dizer respeito tanto à marcação em graus de alguma medida, mas também, quanto à colação de grau, a conquista de um diploma universitário. Parece que, nesse lapso do pronome pessoal o inconsciente emerge, pelos significantes, dizendo, deixando dizer que a graduação não se fez “aqui” tampouco sozinho (eu), outros sujeitos, outros fatores, outros espaços foram determinantes, aquele “eu” que teve a base por “ali”, por ali não ficou, foi e depois voltou para enunciar e ocupar seu posto na rede produtiva como sujeito ensinante, não mais aprendiz. Há, como se pode ver, pontos onde a língua teima em falhar, e essa falha, da falta ou do excesso, no dizer, no fazer, no constituir-se é o que move cada sujeito desejante a permanecer falando, faltando.

### **Um fechamento que nada fecha**

A partir deste fragmento de análise (destas duas sequências discursivas abordadas) e considerando as distinções entre psicanálise e AD através da categoria sujeito, podemos ratificar que “*não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma ‘infelicidade’ no sentido performativo do termo*” (PÊCHEUX, 2006, p. 56) e esta identificação que falha é a referência ao inconsciente que nos propõe Pêcheux.

Sem sobrepor as categorias de sujeito, tanto em AD quanto em Psicanálise, quando na primeira há o assujeitamento (ideologia) determinado pela luta de classes e na segunda há o desejo, a falta e outro como determinantes (inconsciente), podemos afirmar que “*a tensão entre a sobredeterminação e o desejo não tem como se dissipar*” (FERREIRA, 2004, p. 50). E isto, longe de ser um problema teórico-metodológico, o que em verdade seria para outras áreas, para a AD é um desafio e ao mesmo tempo uma contradição constitutiva, um dentro/fora a ser considerado e acompanhado a cada análise, na trama do discurso.

### **Referências**

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado (Notas para uma investigação). In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.

BARBAI, Marco Aurélio. "E suas palavras pousam": sujeito, ideologia e inconsciente. In: RODRIGUES, Eduardo Alves; SANTOS, Gabriel Leopoldinos; CASTELLO BRANCO, Luiza Katia Andrade (Org.). *Análise de discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas: Editora RG, 2011. p. 373-386.

BRASIL. *Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008*. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm)>. Acesso em: 5 ago. 2016.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise de discurso e psicanálise: uma estranha intimidade. *Cadernos da APPOA*, Porto Alegre, n. 131, p. 37-52, dez. 2004.

GARCÍA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JORGE, Marco Antônio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. *Lacan: o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAÇAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: ŽIŽEK, Slavoj. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 96-103.

LONGO, Leila. *Linguagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Ideologia: aprisionamento ou campo paradoxal? In: ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011. p. 107-119.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed.

Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAFATLE, Vladimir. *Lacan*. São Paulo: Publifolha, 2007. (Folha Explica).